

Cresce o número de voluntários nos EUA

Ao longo do ano de 2011, em plena crise económica, um milhão e meio de adultos incorporaram-se nos Estados Unidos em tarefas de voluntariado. Esse incremento faz com que esse país tenha superado o melhor número de participação desde 2005, chegando aos 64,3 milhões de voluntários (mais de um em cada quatro norte-americanos). Por outro lado, um inquérito nacional mostra que os jovens com idades entre os 13 e os 22 anos realizam atividades de beneficência com facilidade, quando os seus amigos o fazem.

Elaborado a partir de inquéritos mensais de população, o estudo "Volunteering and Civic Life in America" estima que os 64,3 milhões de norte-americanos que trabalharam como voluntários em 2011 dedicaram aos outros quase 8 mil milhões de horas.

As principais tarefas onde empregaram o seu tempo foram: angariar dinheiro (26,2%); conseguir, preparar, distribuir ou servir refeições (23,6%); trabalhos domésticos e transportes (20,3%); assessoria e ensino (18,2%).

Ao voluntariado organizado através de instituições deve acrescentar-se a ajuda que, em 2011, prestaram aos seus vizinhos dois em cada três norte-americanos (143,7 milhões), um aumento de 9,5% em relação ao ano passado.

O apreço pelos vínculos comunitários manifesta-se também no facto de 44% dos norte-americanos ter participado ativamente, em 2011, nalgum grupo cívico, religioso ou escolar.

Os pais com filhos em idade escolar têm uma taxa de voluntariado sete pontos percentuais mais elevada do que a média nacional (33,7% comparativamente a 26,8%). No extrato etário dos 26 aos 50 anos, os pais e mães com filhos participam em atividades de voluntariado com maior frequência do que aqueles que não têm filhos; a diferença acentua-se sobretudo no extrato dos 40 e muitos anos, quando 46% dos pais com filhos ajudam em associações. A taxa de voluntariado das mães que trabalham fora de casa situa-se nos 38% (quase quatro em cada dez).

Uma visão complementar à que oferece o estudo feito pela Corporation for National and Community Service – centrado exclusivamente em adultos – é a que oferece um inquérito nacional realizado a 4.363 jovens dos EUA com idades entre os 13 e os 22 anos. Nele, a DoSomething.org pretendia

averiguar o que leva os jovens a participar em tarefas de voluntariado.

Os autores do inquérito concluem que, mais de metade dos adolescentes e jovens dessas idades, fizeram voluntariado em 2011. A razão principal para que a maioria deles (três quartos) se encoraja a realizar atividades de beneficência é que os seus amigos os convidam; o vínculo de amizade é uma razão até quase duas vezes mais poderosa do que a preocupação por determinadas causas sociais.

Como acontece noutros âmbitos da sua vida, em geral, evitam atividades que exigem demasiado compromisso. "Muitas vezes, os adolescentes decidem aparecer à última hora; fazem o possível para não serem os primeiros e quase nunca ficam até ao final".

O inquérito revela que os jovens preferem trabalhar em atividades que lhes permitam ter contacto direto com pessoas, ou onde veem os resultados diretos do seu trabalho mais cedo do que noutras em que vão passar despercebidos.

Outra conclusão interessante é que, quando se trata de pedir dinheiro, os jovens têm um charme especial. "Um discurso de um adolescente apaixonado em busca de um donativo é muito mais eficaz do que um frio telefonema ou do que uma mensagem coletiva", lê-se no relatório que acompanha o inquérito.

A censura gay não é melhor do que qualquer outra

O tema do casamento *gay* parecia, à partida, um debate onde se discutia a ideia do casamento. Mas é cada vez mais claro que está em jogo, também, a liberdade de expressão. Vários episódios confirmam a intolerância perante atitudes que se afastam das ideias dos novos "bem pensantes".

Assim, houve controvérsia nacional nos EUA por declarações de Dan Cathy, CEO da cadeia de restaurantes ChickfilA, a uma revista batista. Cathy reconhece que a empresa apoia a família tradicional, algo que se lhe havia sido criticado diversas vezes. "Admito as acusações", disse Dan Cathy. "Apoiamos fortemente a família, a definição bíblica de família".

Era uma posição muito pessoal, que não se dirigia contra ninguém. Mas a reação foi como se tivesse dito que nunca deixaria entrar nos seus restaurantes um casal homossexual. Os presidentes dos municípios de Chicago, Boston e São Francisco apressaram-se a dizer que a Chickfíla não seria bem recebida nas suas comunidades. Vários grupos de ativistas gays propuseram um boicote dos 1.600 restaurantes da cadeia. A *speaker* do conselho municipal de Nova Iorque, Christine Quinn, lésbica, pediu que fosse fechado o restaurante da cadeia que opera em Manhattan, mas o edil Michael Bloomberg – mesmo sendo defensor dos direitos dos homossexuais – rejeitou tal boicote.

De acordo com informações, foi revelado que a família de Dan Cathy tinha dado apoio financeiro a organizações que promoviam iniciativas populares para derrotar o casamento gay. Isso escandalizou pessoas que, nessa altura, aplaudiam o facto do fundador da Amazon, Jeff Bezos, ter anunciado a sua decisão de doar 2,5 milhões de dólares ao apoio da causa do casamento gay num referendo no estado de Washington.

Esta tentativa de amedrontar uma pessoa que se tinha limitado a expressar a sua opinião, num país tão zeloso da Primeira Emenda, provocou, desta vez, uma reação tanto popular como por parte de articulistas. O ex-governador do Arkansas, Mike Huckabee, saiu em defesa de Dan Cathy e convidou os norte-americanos a ir comer aos restaurantes da cadeia numa “jornada de agradecimento à Chickfíla”. E as fotografias mostram que, no dia escolhido, houve filas para entrar nos restaurantes da cadeia. Por seu lado, a empresa quis sublinhar que, embora seja ideologicamente contrária ao casamento gay, nunca fez nenhuma discriminação por este motivo, nem entre os seus empregados, nem entre os seus clientes.

Mas os promotores do casamento gay não se conformam já com menos que a adesão e, hoje, estão mais ocupados em silenciar os seus críticos do que em debater. Quando a questão começou a ser discutida, os defensores do casamento gay alegavam que a mudança não afetaria em nada o casamento ou as liberdades dos outros; era, somente, uma questão de igualdade. Mas agora é evidente que não se reconhece a mesma liberdade de expressão para defender uma posição ou outra, nem se admite a liberdade para doar o dinheiro próprio à causa que cada um prefira.

Isto começa a preocupar os críticos. Como escreve Collen Carroll Campbell no “St. Louis Post-Dispatch”, “em poucos anos, um movimento antes conhecido por erguer a bandeira da tolerância transformou-se no arquétipo da intolerância. Usando como cobertura o seu estatuto cultural de vítima, os líderes dos direitos dos gays converteram-se no punho de ferro para fazer respeitar um estrito código de nova linguagem onde, quem quer que questione o casamento entre pessoas do mesmo sexo, é denunciado como odioso fanático homofóbico. Os anteriores apelos ao ‘diálogo’ sobre o melhor modo de proteger, tanto a instituição do casamento como os interesses de gays e lésbicas, foram substituídos por descarada perseguição e ferozes ataques pessoais”.

A cunhagem de uma “nova linguagem” é o sinal inequívoco da tentativa de impor uma polícia do pensamento politicamente correto. Os mesmos que desqualificam como “linguagem do ódio” qualquer crítica à sua posição, utilizam, sem pudor, ataques violentos contra o adversário. Irritam-se imenso se se põe em dúvida a normalidade do comportamento homossexual ou do casamento gay, mas desqualificam como “homofobia” as opiniões dos discordantes, para deixar claro que não têm mais explicação, nem merecem mais respeito, do que outras fobias patológicas. Dizem defender a causa da diversidade, mas, quando deparam com uma visão diversa da sua, o seu arco-íris torna-se monocolor. Estão contra qualquer discriminação devido à orientação sexual, mas não têm dúvidas em pedir que se exclua da comunidade académica um investigador universitário como Mark Regnerus, por ter publicado um estudo que coloca em dúvida a afirmação de que as crianças criadas por casais homossexuais estão tão bem como as criadas por pai e mãe.

Por último, não ganhamos nada se para que alguns saiam do armário há que meter lá os que não pensam como eles. A censura gay não é melhor do que qualquer outra. No seu empenho por converter a sua posição numa nova ortodoxia social, os ativistas do casamento gay não deveriam esquecer a advertência de George Orwell: “Se a liberdade significa alguma coisa, significa o direito de dizer às pessoas o que não querem ouvir”.

I. A.

Doze enfermeiras e o seu direito a decidir

Na Unidade de Cirurgia Ambulatória da Universidade de Medicina e Odontologia de Nova Jersey (EUA), doze enfermeiras tiveram de lutar duramente para exercer o seu direito à objeção de consciência. A revista “Faith & Justice” (Vol. 5, Issue 3, 2012), da Alliance Defending Freedom, conta a sua história.

Estas mulheres constituem entre si uma heterogénea mistura de origens e personalidades. Beryl, oriunda do Quénia, é uma especialista em cuidados intensivos que trabalhou no hospital durante mais de quinze anos. Fe, uma veterana do banco de urgências e da UCI (cuidados intensivos), é filipina. Lorna é enfermeira há vinte e cinco anos, encontra-se nesta Universidade há mais de uma dezena, e está orgulhosa com a sua profissão. “Trabalhamos para curar. Tudo o que fazemos é para que o paciente se sinta melhor, e isto preenche-nos, porque significa ajudar alguém”, diz Fe.

Mas, nesse hospital também se fazem abortos. Por vezes, trata-se de adolescentes, e algumas regressam mais de uma vez. Beryl, que se nega a intervir em abortos, fala muitas vezes com as pacientes: “Digo-lhes: ‘vou rezar por ti, e espero que esta seja a última vez que o fazes’. Vemos nas suas caras que se sentem culpadas”.

Fe sabe o que se sente ao abortar. Há vinte anos teve uma gravidez com mau prognóstico. O seu marido e o médico pressionaram-na várias vezes para abortar. Acabou por o fazer. “Não consegui dormir durante muito tempo... Levei anos a aceitar o que tinha feito. Peço perdão. O Senhor conhece o meu coração, e sabe que eu não queria que tivesse ocorrido”.

Em setembro de 2011 houve uma mudança de supervisor na Unidade de Cirurgia e, o novo, anunciou que Fe e outras onze companheiras, que tão-pouco queriam intervir em abortos, teriam de o fazer. As doze enfermeiras protestaram abertamente, mas ameaçaram despedi-las se não obedecessem.

As enfermeiras recorreram a dois advogados, os quais advertiram os responsáveis do hospital que se expunham a um processo por violação da liberdade de consciência. A resposta foi que, todos os abortos em Cirurgia Ambulatória – programados semanalmente de forma adiantada – eram “emergências” que deviam ser atendidas.

Os advogados recorreram aos tribunais. Ao fim de várias semanas de tensão, alcançou-se um acordo: o hospital comprometeu-se a não obrigar as enfermeiras a participar em abortos, e elas retiraram o processo.

“Este caso teve um elevado custo emocional para todas estas profissionais”, afirma um dos advogados. “Erguer-se e fazer exigências ao empregador é muito difícil. Havia muito em jogo. Para algumas, esse trabalho era o único modo de manter a sua família”. Beryl recorda que esteve sempre consciente das dificuldades, mas reafirma a sua decisão: “Não podia fazer o que me estavam a pedir que fizesse... Se atuamos contra aquilo em que acreditamos, que pessoa é que somos? Que nos resta? Apenas um invólucro do que somos”.

(Fonte: Alliance Defending Freedom)

“A Invenção de Hugo”

“Hugo”

Realizador: Martin Scorsese

Atores: Asa Butterfield; Ben Kingsley

Duração: 126 min.

Ano: 2011

Martin Scorsese faz uma homenagem a Georges Méliès, um realizador pioneiro da arte cinematográfica. A história gira em torno de Hugo Cabret, um jovem que vem a encontrar Méliès quando este vivia esquecido por todos e praticamente na

miséria. Tornam-se amigos e será este rapaz o responsável pelo reconhecimento público que o velho cineasta virá a ter e pelo relançamento do seu prestígio.

Scorsese quer transmitir a ideia de que é possível “consertar as coisas”. Para isso mostra como o rapaz não desiste de ajudar o abandonado Méliès, pondo-o em contacto com um investigador apaixonado pelas suas obras. O que era um simples projeto, vai-se transformando em algo concreto. Méliès hesita, mas acaba por confiar no jovem amigo. Vê que era merecedor da sua confiança. Sente que há um risco a correr... um risco para a sua vida pessoal, tal como acontece para o rapaz. No entanto, ambos decidem avançar e seguir as sugestões apresentadas pelo novo personagem: organizar um evento de modo a dar a conhecer a figura de Méliès, reunindo e exibindo os filmes dispersos. Contactam várias pessoas e diversas instituições, esforçando-se sem desistir perante as dificuldades. Um dia, o sonho torna-se realidade. Há riscos que vale a pena correr quando são bem orientados e possuidores de uma motivação para além dos próprios interesses pessoais...

Tópicos de análise:

1. Uma análise feita por alguém exterior ao problema pode ser mais objetiva.
2. Um bom conselheiro ajuda a delimitar os objetivos concretos a alcançar.
3. Uma pessoa experiente indica soluções baseadas num saber já provado.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

